

MEMÓRIA, INFÂNCIA E NEGRITUDE: ASPECTOS CONSTITUTIVOS DE IDENTIDADE NEGRA FRENTE À SITUAÇÕES DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA VIDA ESCOLAR

Marilete Calegari Cardoso⁹
Larisse Oliveira Araújo¹⁰

1. Introdução

Este texto traz em seu cerne reflexões elaboradas a partir da leitura de memoriais, produzidos por estudantes do curso de Pedagogia de uma universidade pública, que narram suas trajetórias de crianças e infâncias, resgatando momentos e fragmentos da etapa da educação infantil com a finalidade desses sujeitos refletirem como esses fatos influenciaram na pessoa que eles se tornaram. As ideias nele contido são, concomitantemente, frutos de nossas inquietações de pesquisadoras que acreditam na prática da memória na educação como um caminho e como sustentáculo para a formação docentes negras e o enfrentamento do racismo no espaço escolar.

O negro e o preconceito racial são frequentes no espaço da escola e na História do Brasil. O racismo trouxe para a população negra uma invisibilidade e a colocou à margem da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade em relação às demais etnias. De todo modo, pudemos dizer que as crianças negras, sofrem, ainda, com a produção e reprodução de um modelo eurocêntrico, enraizado a partir do processo histórico de escravidão e suas atualizações.

Neste sentido, quando falamos em memória, logo nos recordamos de fatos e acontecimentos que foram vivenciados por pessoas, em um dado tempo e lugar, e que, naturalmente ficam registrados em histórias (CARDOSO, 2008). Assim, num breve olhar da historiografia sobre a infância e a negritude, de acordo com estudos já realizados, é possível percebermos a invisibilização de crianças negras, assim como, um tratamento diferenciado em relação às infantess

⁹ Doutora em Educação (UFBA). Mestre em Educação (UFBA), Pedagoga (UNILASSALE). Professora Assistente do Departamento de Ciências Humanas e Letras, e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas (NICEI), Campus Jequié, Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: calegaricardoso-uesb@hotmail.com

¹⁰ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, Campus Jequié, Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia.

brancas, baseado em uma “linguagem não-verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial” (OLIVEIRA; ABRAMOWICZ, 2010, p.212).

Diante dessa problemática, e com base nas narrativas dos memoriais dos estudantes do curso de Pedagogia, a nossa pergunta é, que marcas de racismo que encontramos nos memoriais dos estudantes durante sua trajetória da educação básica? É possível perceber em suas memórias formas de superação do racismo e pertencimento racial, instituído nas relações família e escola? Haveria um diferencial de ordem individual/familiar tão somente para a os aspectos construtivos da identidade negra?

No caminho para a construção de memórias, buscamos nos ancorar na teoria das narrativas (auto)biográficas, nos estudos de Nóvoa (2002), Kramer (2006), Souza (2004) e outros, na qual a memória também é compreendida como história de vida, narrativa ou autobiografia. Esses pesquisadores estudam as memórias sob uma abordagem experiencial ou das histórias de vida, no âmbito da pesquisa e da educação, como prática de investigação/formação do adulto. Ressaltamos que, para esses autores, a memória é uma construção social e coletiva, que se vincula às aprendizagens e representações advindas da inserção do sujeito em seus diferentes grupos sociais. Como nos diz Souza (2007, p.4), “as narrativas permitem lidar com dimensões formativas entre experiências vividas e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as itinerâncias e as práticas formativas.” Acreditamos que contar, ouvir e escrever memórias sobre as experiências e identidades dos sujeitos (alunos e professores), ajuda-nos a entender porque o conhecimento produzido pela contemporaneidade é visto de modo compartimentalizado, preconceituoso e racistas, em demasia, e, talvez nos ajude a reaver e reeditar novas histórias em espaços/tempos diferentes das que já foram editadas.

Para este trabalho, portanto, buscamos analisar e dar visibilidade para o memorial: “*A infância e o quintal: uma história marcada pela imaginação*”, da estudante Larisse, que apresenta marcas de racismo vividas na escola quando era criança e as formas de superação construídas por ela, que levaram a construir sua identidade negra.

2. Dois olhos negros: os primeiros olhares para leitura e para o preconceito

A história que vincula do negro na vida da escola é a que está impregnada na sociedade de classes no Brasil, na qual mostra uma representação sem equidade que desmerece e rebaixa a raça. Como é descrito no memorial de Larisse:

[...] a primeira vez que entendi de verdade o que era preconceito, foi a partir deste livro: Qual é a cor do amor? O livro contava a história de uma menina branca e rica, filha única de pais extremamente preconceituosos. Um dia, ela estava no banco com seu pai, e, muito curiosa, foi atrás de algo que lhe encheu os olhos e acabou se perdendo do seu pai. Por ironia do destino, ela foi acolhida por uma família negra e com baixas condições financeiras, que a achou perdida, a levou para a casa e cuidou dela, até os pais chegarem. Vendo a família negra, o pai da menina tomou um belo susto, mas ali aprendeu a lição. O amor não tem cor, nem raça. (Memórias de Larisse, 2019)

A história lida pela estudante, ainda quando criança, traz bastantes revelações sobre a permanência da desigualdade entre as raças, ao descrever “Por ironia do destino, ela foi acolhida por uma família negra e com baixas condições financeiras”, fica implícito as marcas de uma sociedade excludente. Historicamente, como descrevem Maria e Silva (2004, p.211), “os fatos nos mostram que essa prática sempre existiu, quase sempre vinculada às dificuldades encontradas pelo trabalhador brasileiro em se desenvolver dentro do seu trabalho”, ou na árdua e concorrida busca dele, tendo que utilizar então toda família, inclusive as crianças, na obtenção do seu sustento.

Contudo, a história lida por Larisse descreve traços da cultura e heranças dos povos africanos, já que “o cuidar e preservar eram deixados a cargo principalmente dos parentes próximos à criança, como avós, tios, primos, já que muitos deles perdiam os pais ainda recém-nascidos, fortalecendo os laços de solidariedade” (CORRÊA ;SANTOS. 2019, p.699).

A leitura deste livro foi fundamental para a minha construção pessoal, e para a construção da minha identidade. [...] a partir daí, tive uma ideia para solucionar o meu problema. Eu pegava o livro, todas as noites, e o lia, até pegar no sono. Já

não estava mais a dormir só na cama, pois tinha um companheiro fiel. (Memórias de Larisse, 2019)

O fortalecimento e abertura do olhar de Larisse, foi construído por meio do resgate da ancestralidade, que segundo Oliveira (2017)¹¹, por este caminho as crianças negras constroem a ponte de reconexão para a autoestima, fonte de respeito e responsabilidade como futuras guardiãs das tradições na cultura afrobrasileira. A autora ressalta ainda: “Ela [ancestralidade] é capaz de provocar as costuras psíquicas necessárias para que suas identidades, fragmentadas pelas vivências racistas, sejam reconstruídas de forma saudável. [...] é a magia presente naquilo que faz: “Literatura Negra do Encantamento.” (OLIVEIRA, 2017, s/p.). Neste sentido, fica destacada a importância não só da positividade do “eu” para a autoestima e o desenvolvimento da criança, como também da explicitação do “nós”, valendo-se dos referenciais ancestrais positivos nos diversos âmbitos onde essa participação tem sido ocultada. (KRAMER, 2013, p. 143).

Memórias de uma menina negra: “Sofri preconceito da minha própria professora”

As crianças são principais vítimas das mazelas sociais, sendo pior para as crianças negras, que passam por constantes constrangimentos, sofrem maus tratos, marginalização, invisibilidade e preconceito até mesmo de racismo (SILVA, 2007). Isto é, como apontam Corrêa e Santos (2019, p.703) “as crianças negras estão sendo ensinadas para o silêncio, submissão e conformação com a desvalorização que lhes são atribuídas”. Se o preconceito e o racismo não estivessem abertamente colocados às vistas, os comportamentos excludentes para com essas crianças, camufladamente falavam por si só (MARIA; SILVA, 2004). Como podemos perceber nas palavras de Larisse:

Aos 7 anos, cursando a 1ª série (hoje chamado 2º ano), passei por um episódio muito traumatizante e que ficou marcado negativamente na minha vida, que até pouco tempo, foi contribuinte para a minha não aceitação em relação a mim mesma. Sofri preconceito, vindo da minha própria professora. Não foi um preconceito explícito, e por muitos, passaria

11 Entrevista realizada com a educadora Kiusam de Oliveira e publicada por Camilla Hoshino, em: 22.12.2017. <https://lunetas.com.br/entrevista-kiusam-de-oliveira/consulta: 24/10/19>.

despercebido, ou mesmo seria considerado bobagem, mas, aquilo me doeu tanto, que tive vontade de não voltar mais a escola. Na sala a qual eu estudava, só havia eu e mais uma menina com a pele mais escura, o que não significava que éramos as únicas pessoas negras, mas, isso já causava um certo estranhamento entre os colegas. (Memórias de Larisse, 2019)

A marca do racismo fica registrada, com o silenciamento e a repressão de forma implícita pelo adulto (a professora). Nesse sentido, podemos apreender que, historicamente, há uma negatividade constituinte da representação da criança negra, que, em larga medida, sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social. Conforme Sarmiento (2005), a própria etimologia da palavra infância encarrega-se de estabelecer essa negatividade, pois o termo infância é oriundo do latim *infans*, que significa criança pequena incapaz de falar. Para o citado autor,

infância é a idade não- falante, o que transporta simbolicamente o lugar do detentor do discurso inarticulado, desarranjado ou ilegítimo. [...] aluno sem- luz; criança é quem está em processo de dependência; [...] criança é o que não pode e nem sabe defender-se [...]. (SARMENTO,2005, p.366),

As consequências imediatas desse silenciamento amplia fenômeno, como a reclusão, introjeção, baixa autoestima, vergonha de sua própria raça, o próprio preconceito contra outra criança negra (mais clara ou mais escura), e o medo de se expor, falavam mais alto, e colocavam em risco o desenvolvimento dessas crianças negras e a continuidade da cultura afro-brasileira.

Podemos perceber explicitamente o racismo predominando o espaço da escola de Larisse.

Um dia, no momento da aula de história, a professora estava explicando sobre o período de escravidão, e como exemplo, fez uma simulação dessa época. Supôs que, se estivéssemos naquela época, eu e minha outra colega negra, seríamos as escravas, e todos os outros seriam senhores de engenhos e outros cargos ocupados por brancos. Na hora, isso não me afetou, pois, na minha inocência, eu não compreendi, mas, o impacto veio logo após, na hora do recreio. Nossos outros colegas começaram a brincar, e quando íamos nos aproximar para entrar na brincadeira, eles diziam que a brincadeira só era com determinado número de pessoas, ou diziam que já havia acabado. Além disso, passaram a fazer brincadeiras

de mal gosto, a nos chamar de escravas, a insinuar que tínhamos que servi-los, e, a professora vendo a situação, se calava, não se importava. Essa situação fez com que, por muito tempo, eu negasse a minha identidade, e me inibisse. (Memórias de Larisse, 2019)

É inadmissível que a ação na qual a criança negra é projetada como escreva e as crianças brancas os senhores/ senhoras, alimentando o racismo nos espaços da escola comuns ou impedida de brincar com determinados brinquedos se faz sem a manifestação notória, como apontou Sales Jr.

Muitas vezes a discriminação se dá sem nenhuma enunciação explícita ou implícita de caráter racial. As relações raciais constituem, nesse caso, um jogo de linguagem não verbal, não dito, discurso silencioso, mais corporal do que verbal, pelo qual os indivíduos mobilizam as forças, os corpos e os acontecimentos sociais, e se apropriam deles. O 'discurso silencioso' configura-se na forma mais forte de não dito (SALES JR. 2006, p. 243).

As crianças negras, independente da esfera econômica segundo Cavalleiro (2000) sofre supressões no ambiente escolar por conta principalmente da sua cor ou fenótipo, onde na subjetividade a família branca sempre dominava as situações, e os negros representavam seus serviçais, as benzedeadas, as amas de leite, etc. De acordo com Costa (2013, p. 176), um dos desafios enfrentados na construção das representações sociais sobre as crianças negras em contexto escolar “[...] é a tomada de consciência de que as diferenças são produzidas nos processos de interação entre o professor e a criança e da criança com seus pares e, portanto, não podem ser negadas”, pelo qual necessita de estratégias e mecanismos que garantam a subversão de práticas discriminatórias e racistas que venham a ocorrer no contexto escolar.(CORRÊA ;SANTOS, 2019).

Diante disso, entendemos que é necessário hoje, dar um novo sentido a visão da criança e infância imposta no passado, para que talvez, no futuro consigamos proporcionar às crianças negras uma nova educação, uma educação que as crianças negras e brancas sejam vistas como sujeitos ativos e como atores sociais. Ver as crianças negras com respeito como defende Maturana:

A criança deve viver na dignidade de ser respeitada e respeitar o outro para que chegue a ser um adulto com mesmo comportamento, vivendo como um ser com

responsabilidade social, qualquer que seja o tipo de vida que lhe caiba. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p.19)

As escolas deveriam pensar na educação para a diversidade na infância, pois ajuda a combater o preconceito e o racismo. Como Kuhlmann Jr. (2000, p.57), nos diz: “se a criança vem ao mundo e se desenvolve em interação com a realidade social, cultural e natural, é possível pensar uma proposta educacional que lhe permita conhecer esse mundo, a partir do profundo respeito por ela.”

Nesta perspectiva, Oliveira (2019) nos descreve que a educação para diversidade necessita ser pensada de forma ‘afrorreferenciadamente’:

[...] Ao se pensar ‘afrorreferenciadamente’, perceberemos que, na infância das crianças negras que vivem suas culturas intensamente, elas estão próximas aos adultos, reproduzindo suas ações de forma muito prazerosa. Isso fica muito explícito ao observarmos as crianças negras em movimento no candomblé, no jongo, no congo, no tambor de crioula. Uma criança ligada ao lazer e às tarefas coletivas está dando continuidade à ancestralidade de seu povo, à cosmogonia de seu grupo étnico-cultural preservada através das danças, das cantigas, [...] que sustentam o seu povo. Portanto, não estão condicionadas às ações predeterminadas pela faixa etária à qual pertence, um número ‘x’ delas preestabelecidas para crianças fazerem entre 0 e 1 ano, ou entre quatro e cinco anos de idade. (OLIVEIRA,2017, s/p.)

Uma educação vida, em que o corpo da criança negra esteja mergulhado nas diversas linguagens, na experiência na resistência, para ganhar sentido e significado, pois aqui há uma mudança de paradigma fundamental: não se trata mais de falar do corpo, mas fazê-lo falar de várias formas, através de diversas linguagens. Além disso, o professor ou a professora precisa estar preparado para lidar com qualquer assunto que o atinja diretamente, e as questões raciais fazem parte da infância.

Narrar é resistir: consciência identidade da criança negra

O narrar para resistir, aqui, resistência significa reunir forças, ainda que através da escrita, para que possamos abrir caminhos para enfrentar à

discriminação, à invisibilidade da criança negra na sociedade, em especial, no espaço escolar. É o enfrentamento que se faz necessário ao negro, como podemos encontrar nas narrativas de Larisse:

Hoje, após já ter superado esse acontecido, e ter assumido a minha identidade, ter tomado consciência de minhas origens, tomo esta experiência como degrau para o meu crescimento pessoal, afinal, se somos quem somos hoje, não é somente graças às boas experiências, mas também graças às experiências negativas as quais passamos ao longo da vida. Além disso, essa situação me despertou algo muito importante, a noção e a consciência de que o preconceito ainda se faz presente nas escolas, e que este, muitas vezes vem, de quem menos esperamos. Com isso, reflito muito sobre a educadora que quero ser, e a mensagem que quero passar aos meus alunos. Quero mostrá-los o respeito e o amor para com outro, em suas diferenças e particularidades, mostrando a importância de aceitar o outro como ele é, independente de raça, cor, gênero ou condição social. (Memórias de Larisse, 2019)

A narrativa de Larisse é um testemunho que diz, em geral, de ter consciência que o racismo e o preconceito estão presentes nas escolas atualmente. Pois não existe escrita narrativa sem uma identidade consciente, a “consciência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 1996, p. 26).

Para Kramer (2006, p.71) “encontrar a identidade narrativa requer que se puxem os fios não só das experiências enraizadas nos sujeitos que fazem imediatamente a prática, mas também os fios do conhecimento construído por múltiplos sujeitos ao longo da história”. Diante disso, compreendemos que as narrativas do memorial de Larisse se revelam excelentes suportes para reflexão acerca da consciência identidade das crianças negras, da forma como o racismo ainda está presente nos espaços escolares, seja quando ocorrem, seja algum tempo depois.

Considerações Finais

Narrar sobre si e sobre o próximo implica em fazer da escrita um espaço de luta, um lugar de resistência ou de direcionamento para contar as

recordações mais fecundas do seu ser, personificando-se assim na escrita. Lembramos que a ideia de Santos, em mantermos viva a memória na escola, com histórias escritas sobre os problemas que ocorrem em cada local, corrobora as reflexões de Nóvoa (2002, p.14), que defende a narrativa como possibilidade de reflexão e de conhecimento. Para o autor, “estamos sem sociedade” (NÓVOA,2002p.15), pois para muitos (alunos, professores e pais) a escola não tem qualquer sentido, não se inscreve numa narrativa coerente do ponto de vista dos seus projetos pessoais ou sociais.

Há uma possibilidade para a escola alcançar esse objetivo, entretanto é necessário oferecer um quadro de referências mais amplo de culturas para os seus sujeitos. Morin, 2007,p.499) nos alerta que essa cultura “não é saber tudo sobre um pequeno ponto”, mas tem a finalidade de auxiliá-los a adquirir uma cultura da complexidade (linguagens, o lúdico, a imaginação, as inter/intra-relações), já que “a cultura é a argamassa, um cimento que permite construir sentido integrado do conhecimento” (p.499). E ficarmos sempre atentos para nossos discursos e prática, pois a criança é capaz de reproduzir o racismo que vê! (OLIVEIRA,2017)

Por fim, compreendemos que para colocar essa cultura em prática, acreditamos que precisamos trabalhar no nosso cotidiano incorporando o discurso da diferença não como um desvio, mas como algo que enriquece nossas práticas e as relações entre as crianças, possibilitando, desde cedo, o enfrentamento de práticas de racismo. Ter posturas mais abertas às diferenças e, conseqüentemente, poderemos ter um terreno fértil para a construção de uma sociedade mais plural.

Referências

BOSI, A. **Narrativa e resistência**. Itinerário, Araraquara, n.10, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2577/2207>>. Acesso em: 30nov.2019.

CARDOSO, M. C. **Baú de memórias**: representações de ludicidade de professores de educação infantil. 2008. 170f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia Programa Faculdade de educação, Salvador, BR-BA, 2008.

CAVALEIRO, E. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar**: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. – São Paulo: Contexto, 2000.

CORRÊA, A.M.R; SANTOS, R.A. As representações sociais sobre crianças negras no contexto escolar. Revista da ABPN • v. 10, Ed. Especial - **Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afrobrasileira** – lei 10.639/03 na escola • maio de 2018, p.693-720 DOI 10.31418/2177-2770.2018. v10.n00.p.693-720

KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 2006.

KRAMER, Eloisa A. C. Rocha. Educação infantil: enfoques em diálogo. 3ª Ed. – Campinas, SP: Papirus, 2013.

KUHLMANN JÚNIOR, M. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p.5-18, mai/ago 2000.

MARIA, J.L. ; SILVA, M.R. Em busca das pistas sobre a historiografia da cultura lúdica das crianças negras em Santa Catarina. **Motrivivência** Ano XVI Nº 23, P. 191-216 Dez. /2004

MATURANA, H.R; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, E. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. (Org.) **Religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

NÓVOA, A. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico**. Lisboa/Portugal: EDUCA 2002.

OLIVEIRA, K. A criança é capaz de reproduzir o racismo que vê. Entrevista publicada por Camilla Hoshino, em: 22.12.2017. <https://lunetas.com.br/entrevista-kiusam-de-oliveira/consulta:24/10/19>.

SALES Jr. Democracia Racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, São Paulo, v.18, n. 2, p. 229-258, 2006.

SARMENTO, M. J. . Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. (pp.361-378). In: **Revista Educação & Sociedade, Campinas**, v. 26, n.91 pp.337-712, Maio./Ago. 2005.

SOUZA, E. C. de. Abordagem Experiencial: Pesquisa Educacional, Formação e Histórias de vida. In: **Revista de Salto para o Futuro: História de Vidas e Formação de Professores/ Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação. Boletim. 1, Março./2007. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007.>> Acesso em: 7/fev./2008.